



# $\Sigma$ th $\phi$ s & $\Sigma$ pisteme

Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB  
Julho-Dezembro 2020



# Σθηφς & Σπιστεγε

Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB ANO XV  
VOLUME XXVII - Julho - Dezembro 2020



FACULDADE SALESIANA  
DOM BOSCO  
MANAUS-AM



Instituições  
Salesianas  
de Ensino  
Superior

## **Mantenedora**

Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia - ISMA  
Inspetor Pe. Jefferson Luis da Silva Santos

Faculdade Salesiana Dom Bosco

Diretor Sócio: Pe. João Benedito da Cunha Alves

Diretor Geral: Prof. Dr. César Lobato Brito

Diretor Administrativo: Pe. Alberto Rypel

Diretor de Pastoral: Pe. José Manoel de Jesus

## **Editor**

Prof. Dr. Klilton Barbosa da Costa (FSDB)

## **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Klilton Barbosa da Costa (FSDB)

Prof. Dr. Pe. Luigi Laudato (FSDB)

## **Comissão Científica**

Dra. Arlinda Cantero Dorsa – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Dr. Heitor Romero Marques – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Dr. Joaquim Hudson de Souza Ribeiro – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Dra. Maria Augusta de Castilho – Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Doutoranda Maria Roseane Gonçalves de Menezes – Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB)

Doutoranda Talita de Melo Lira – Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

## **Fontes de Indexação**

*Ethos & Episteme* é indexada nas seguintes bases de dados nacionais e internacionais:

LATINDEX: Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal.



FACULDADE SALESIANA  
DOM BOSCO  
MANAUS-AM



Instituições  
Salesianas  
de Ensino  
Superior

## Σθφς & Σπιστεγε

Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB ANO XV  
VOLUME XXVII - Julho - Dezembro 2020

Copyright © 2020 Faculdade Salesiana Dom Bosco

**Diretor da FSDB**

Prof. Dr. César Lobato Brito

**Editor**

Prof. Dr. Klilton Barbosa da Costa

**Revisão**

Prof. Dr. Klilton Barbosa da Costa

**Projeto Gráfico e Capa**

Eduardo de Castro Lacerda

**Imagem da Capa**

Google Imagens

A exatidão das informações, os conceitos e opiniões são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Ficha Catalográfica elaborada pela Editora da Universidade Federal do Amazonas

Ethos & Episteme: Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB, Ano XV, Volume XXVII.  
— Manaus: FSDB, 2020 —

32 v. ; 29 cm

Semestral

ISSN 1809-0400

1 Educação 2 Ciências Sociais 3 Humanas – Periódicos

Faculdade Salesiana Dom Bosco  
Unidade Centro: Av. Epaminondas, 57 – Cep: 69010-090  
Unidade Leste: Av. Cosme Ferreira, 5122 – Zumbi dos Palmares – Cep: 69084-425  
Manaus – AM  
Fones: (0xx) (92) 3131-4100 / 2125-4690  
Site: [www.fsdb.edu.br](http://www.fsdb.edu.br)  
E-mail: [kliltonb@gmail.com](mailto:kliltonb@gmail.com)

<b>EDITORIAL .....</b>	<b>09</b>
<b>ARTIGO .....</b>	<b>11</b>
<b>A EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE NO MUNDO PÓS-MODERNO: CONTRIBUIÇÕES DO DOCUMENTO 85 DA CNBB .....</b>	<b>13</b>
Alfredo Costa Andrade Neto	
<b>NORMAS DE PUBLICAÇÕES .....</b>	<b>27</b>







## EDITORIAL

É com satisfação que disponibilizamos aos acadêmicos da FSDB e a todos os leitores interessados em conhecimentos relacionados as questões das Ciências Humanas e Sociais, o volume 27 da Revista Ethos & Episteme, a Revista Eletrônica da Faculdade Salesiana Dom Bosco.

Nesta última edição, a Ethos & Episteme dispõe o artigo intitulado **A evangelização da juventude no mundo pós-moderno**: contribuições do documento 85 da CNBB apresentando oportunidades de compreensão, a partir de uma análise filosófica, de como ocorre o processo de evangelização juvenil, tendo a Igreja Católica, uma responsabilidade desafiadora na contemporaneidade.

Desejamos a todos os leitores um proveitoso estudo e que contribua para o enriquecimento profissional e que a problemática abordada suscite novas pesquisas.

Profa. MSc. Maria Roseane Gonçalves de Menezes  
*Coordenadora dos Cursos de Filosofia e Pedagogia da FSDB*



# ARTIGO







## A EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE NO MUNDO PÓS-MODERNO: CONTRIBUIÇÕES DO DOCUMENTO 85 DA CNBB

Alfredo Costa Andrade Neto<sup>1</sup>

Recebido em: 24/12/2019; Aceito em: 11/11/2020.

### RESUMO

A dificuldade no processo de evangelização da juventude é algo comum, sobretudo nas grandes cidades, onde outras propostas se mostram mais atraentes, convincentes e vantajosas que a proposta de Jesus de Nazaré. Arelado a isso, está o desafio de uma mudança de época que coloca a Igreja numa posição desafiante: compreender os processos de mudança de paradigmas, além de encarar uma época que exige o desapego de princípios antes tidos como valiosos, enfim, compreender a proposta identitária da pós-modernidade, bem como, exercer neste mundo o processo evangelizador apesar de uma época sem tanta consistência. O presente trabalho visa apresentar possíveis chaves de leitura para a compreensão da realidade juvenil na contemporaneidade, oferecer uma análise filosófica da época entendida como pós-modernidade, além de uma retomada do documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, que apresenta um itinerário para um eficaz processo de evangelização da juventude. Escritos de Conferências Episcopais latino-americanas, além de textos de autores locais, serviram de base para a produção deste manuscrito que, através do método de revisão bibliográfica, busca oferecer ao leitor outras e diferentes chaves de compreensão da realidade pós-moderna, além de oferecer compreensões acerca do processo evangelizador da Igreja no Brasil, sobretudo no que tange à população juvenil.

**Palavras-chave:** Igreja, pós-modernidade, evangelização, juventude.

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco, Manaus-AM. Pós-graduado em Política e Sociedade pela Faculdade Educamais. E-mail: alfredoneto2904@gmail.com

# I INTRODUÇÃO

## I.1 A juventude e a concretização do Reino de Deus

A evangelização da juventude é uma necessidade que permeia todos os tempos e lugares. O olhar mais cuidadoso para esta etapa da vida, deve-se à atenção dada pelo próprio Deus ao longo da história da salvação. Este, ao chamar os seus profetas, recorre também aos que estavam nesta fase da vida para contribuir com Seu Reino e o anúncio da profecia. Alguns podem ser citados, como José, filho de Jacó. O texto destaca que José era o mais amado entre os filhos, porque era o “fruto da velhice”, era o mais novo. Todo o produto deste amor do pai por José tem como caminho ele sendo vendido como escravo, indo parar no Egito e chamando à atenção por sua capacidade de interpretar sonhos. Tal talento o fez assumir altos postos do governo egípcio, e assim possibilitando ajudar sua família que vai a procura de alimento no período de escassez que assolava a região (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, Gn. 37,2-46,7).

Tal enredo nos possibilita compreender que Deus conta com a ação de pessoas do próprio povo para oferecer a estes a alegria em tempos de tristeza, sustento no fracasso, amor em tempos de ódio. Podemos citar, também, a vocação de Jeremias que ouve a voz de Deus dizer-te que já o conhecia desde a concepção e que já o era reservado a missão da profecia. Com Jeremias, parece haver uma peculiaridade, ao olhar para suas próprias forças, ele se reconhece como “muito criança” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, Jr. 1,6).

Ao atualizar este olhar e direcioná-lo aos jovens contemporâneos, pode-se percebê-los realmente com a beleza e a jovialidade da força alicerçada nos sonhos, na melhoria de vida, na realização de projetos pessoais, com a vontade quase que vital de mudar o mundo, no entanto, tudo isso é visto como produto do próprio esforço e capacidade. Contudo, a realização da vontade de Deus, do seu Reino, se dá “não por nossos méritos, mas por Vossa Bondade” (MISSAL DOMINICAL, 1995, p. 596).

Postura diferente assume a jovem Maria de Nazaré. A que é feliz porque acreditou (cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, Lc. 1,45). Ao mesmo tempo em que conhece os próprios limites, é capaz de demonstrar nobre e especial confiança em Deus. Diante desses breves relatos de jovens que assumiram o trabalho do Reino de Deus, é possível ter-se justificado a necessidade de se ter especial cuidado com esta parcela do povo de Deus.

A juventude que outrora soube ser capaz de mudar os rumos da história da salvação, hoje vive presa a sérios dilemas de toda ordem. “Sua evangelização interessa muito aos seus pastores” (CNBB, 2007, p. 5). A necessidade de evangelização juvenil também transparece por ser uma realidade de periferia existencial ao qual precisamos atingir. São “novas gerações que, pressionadas por tantas propostas de vida, necessitam de muito discernimento, de coragem, de verdadeiros caminhos e, principalmente, de nossa presença amiga” (CNBB, 2007, p. 5). A opção pela evangelização da juventude brota de uma necessidade “afetiva e efetiva” (CNBB, 2007, p. 6) que visa o progresso da sociedade, à medida em que a juventude se compreenda como “cidadãos verdadeiramente capacitados a testemunhar, defender e propagar os valores do Evangelho, todos eles a favor da vida plena para o ser humano” (CNBB, 2007, p. 6).

“A juventude mora no coração da Igreja” (CNBB, 2007, p. 9). Esta frase é carregada da esperança que a Igreja carrega por dias melhores, esperança essa que é depositada na juventude, entendida como “fonte de renovação da sociedade” (CNBB, 2007, p. 9). A esperança por tempos melhores também é inspiração da juventude, quando planeja e busca realização de seus sonhos, a partir de um sentimento: felicidade. A Igreja entende que Jesus

– Caminho, Verdade e Vida – é a felicidade plena e concreta a ser oferecida a todo gênero humano, e por isso é o que é capaz de saciar a sede de felicidade tão latente na juventude de todos os tempos, mas sobretudo, na contemporaneidade, onde a felicidade parece ser cada vez mais alimentada por produtos de superficial solidez e saciedade.

## 1.2 A pós-modernidade e a questão da identidade cultural

A pós-modernidade parece ser carregada de elementos que colocam em cheque as velhas identidades que, por tanto tempo, sustentavam de modo estável o mundo. Tais identidades começam um processo de declínio, provocando assim, o surgimento de novas identidades. A crise de identidade “é vista como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7).

Vale considerar que o próprio conceito de identidade é algo relativamente complexo, sendo pouco compreendido e, conseqüentemente, difícil de afirmar algo à respeito. Há uma compreensão de que as identidades modernas estão sendo “descentradas” (HALL, 2006, p. 8), ou seja, não há mais um parâmetro universal e definitivo que as sustente e as defina. O autor também destaca que há um tipo de mudança estrutural que coloca às sociedades modernas do final do século XX em transformação. A partir de então, ocorre também um processo de fragmentação das questões culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade (2006, p. 9). Antes desse processo, esses elementos pareciam ter a função de localização social dos indivíduos. A falta de elementos que constituam uma definição do sujeito, corrobora para o “deslocamento” do sujeito que, ainda segundo Hall, pode ocorrer de duas formas: a descentração dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural e a descentração de si mesmos (2006, p. 9). Com isso, temos constituída a crise de identidade.

Mas, afinal, o que é a identidade? Como considerá-la como elemento em crise sem uma definição clara daquilo que a constitui? Hall, ainda, menciona Mercer, que diz: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER in: HALL; 2006, p. 9). Ao falar de identidade, Hall (2006) destaca três concepções de identidade, a saber: a) sujeito do Iluminismo, b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno (p. 10).

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num único interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo [...] ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2006, p. 11).

Pode-se observar que é uma concepção carregada de individualismo ou que se considera a subjetividade como uma realidade de valor superior à objetividade. “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (ibidem).

A identidade, portanto, é um processo construído na relação entre o “eu” e o meio social. Este, não desconsidera o pensamento elencado anteriormente, ao considerar

que o “eu real” existe como essência interior, porém este é formado, e na medida do necessário, modificado enquanto entra em contato com o mundo cultural exterior. Tudo isso serve, portanto, para “alinhar” o que é nosso ao que é externo a nós, e que passa a ser nosso na medida em que essa relação acontece.

A compreensão de identidade sociológica preenche um espaço, até então existente entre o interior e o exterior, que a primeira compreensão não consegue sanar. É como se, agora, fosse construída uma ponte entre essas duas realidades, que não podem mais existir paralelamente, entretanto interligadas. O autor, assim, relata o processo de formação do sujeito pós-moderno que é conceituado como “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 12).

Ao destacar o núcleo como algo maleável, o autor parece afirmar que a essência humana é algo inconsistente, inconstante e, portanto, indefinível. O que pode ser tratado como um paradoxo. Tal compreensão coloca em xeque as próprias discussões acerca da noção de Ser já expostas pelos filósofos, desde a mais tenra filosofia.

Ao abordar a questão da identidade pós-moderna, o autor compreende esta como sendo uma fragmentação do sujeito. Já não é a “identidade”, mas as “identidades”. Estas podem se apresentar como contraditórias uma em relação à outra. Aquilo que antes compunha as realidades sociais, agora já não demonstra segurança. Como resultado, temos o sujeito pós-moderno, cuja identidade é justamente a ausência de uma identidade fixa e constante. A identidade passa a ser compreendida como um resultado sócio-histórico, não mais biológico, sendo possível assumir diferentes “formas” de identidade em diferentes momentos.

A leitura realizada pelo documento 85 entende a pós-modernidade como sendo uma interiorização de tudo o que foi ideal moderno: a construção de um mundo melhor, a luta por direitos inerentes a todos, foi substituída por uma preocupação introspectiva, onde prevaleciam as necessidades pessoais, a satisfação com o próprio corpo, com os sentimentos, a libertação dos traumas (p. 18). Consequentemente, há formulação de uma cultura frágil, baseada no descartável, nas sensações superficiais e projetos pessoais.

Ao mesmo tempo, é possível observar um paradoxo entre razão e emoção: se por um lado, as emoções são decisivas para que suas escolhas sejam efetuadas, por outro, há uma exacerbação da razão ao ponto de torná-la uma realidade ditatorial. Razão e emoção estão quase que uma a serviço da outra e isso se manifesta nas relações que as pessoas fazem com Deus: Se Deus for “sentido” sensorialmente e emocionalmente, então, Ele está ali. Se isso não vir acontecer, não há Deus. Deus “É” porque antes “eu sou”. Há como que uma antecipação do ser humano nessa definição de Deus.

Por outro lado, a razão é inibidora da relação com Deus à medida em que: se Deus não é compreendido pelas vias da razão, então não há Deus. Mas, ainda que se aceite Deus, não se aceita o raciocínio religioso que dá passos em direção a Ele. Observa-se a grande dificuldade de valorização da religião como possibilidade de encontro com Deus. Temos muitos crentes que não possuem vínculo institucional e isso é fruto de uma compreensão de raiz subjetiva: “se Deus está em todo lugar, então, eu posso falar com Ele sem precisar de uma religião para intermediar isso”, ou mesmo: “a salvação é individual, cada um dá conta de sua vida”. São compreensões que, a rigor, são baseadas na razão, e a grosso modo, são claramente convincentes. Mas, não representam a proposta do Evangelho.

### **1.3 Identidade e proposta da pós-modernidade**



O processo de “acontecimento” da pós-modernidade pode ser melhor visualizado a partir das compreensões de história e cultura e suas mudanças, ao longo dos tempos. A natureza da pós-modernidade “está ligada ao núcleo de uma mudança tanto cultural como histórica” (PEREIRA, 2017, p. 20). O mesmo continua esclarecendo que a pós-modernidade, ao mesmo tempo em que marca o final de algum período, também há o movimento de retomada de uma sequência de coisas antigas das quais acreditávamos ter-nos livrado para sempre (PEREIRA, 2017, p. 20).

O período moderno “tende a ser visto como contraponto e superação da tradição, cedendo um lugar a uma sociedade fundamentada na ideia de avanço científico, técnico, industrial, valorização do novo, do indivíduo e da razão como uma forma de critério, de validade e de certeza” (PEREIRA, 2017, p. 21). Nesse sentido, o que a pós-modernidade quer superar? Esse período não se trata, portanto, de uma destruição do que foi constituído no passado. Seria mais “uma versão exagerada de algumas de suas características, como o progresso técnico e a valorização do individualismo” (PEREIRA, 2017, p. 21). Para isso, Lipovetsky usa o termo “hiper-modernidade” (PEREIRA, 2017).

Considerando, portanto, a pós-modernidade como um exagero do período anterior é possível identificar certas características humanas a serem pensadas como inerentes à formação do sujeito pós-moderno. É perceptível uma “intensa busca do bem-estar e uma supervalorização do EU presente no indivíduo ocidental deste tempo”. Destaque também para uma fragilidade que é percebida à medida em que se fecha para o outro e imerge dentro de si (PEREIRA, 2017). E, ao mergulhar dentro do próprio EU, o ser humano perde-se na noção de valores, posturas éticas e normas sociais a serem levadas em conta. A pós-modernidade acaba tornando-se um deserto. No entanto, o autor esclarece a concepção de Lipovetsky ao tratar deste “deserto”: “o vazio e o deserto passaram a serem estratégias das sociedades livres. Quanto mais vazio, mais desejo; quanto mais escolhas, mais liberdades e a loucura hipermoderna é moldada no vazio e no excesso, tornando assim a era paradoxal” (PEREIRA, 2017, p. 22).

O individualismo atrelado ao consumismo, possibilita um esvaziamento do sujeito “a tal ponto que sua força para lutar pelo bem comum foi se enfraquecendo” (PEREIRA, 2017, p. 23). As obrigações antes comuns, passaram para a esfera da responsabilidade político-partidária. Da mesma forma a família, a Igreja e o saber foram como que esvaziados. Há uma descrença, um desapareço na capacidade que essas instituições possuem de mudar a realidade.

O documento sobre a evangelização da juventude, no qual nos debruçaremos neste estudo, entende que é necessário ter conhecimento da realidade cultural em que o jovem está inserido. Nesse sentido, compreende que “a modernidade abriu as portas do mundo para uma nova atitude do homem e da mulher face à vida” (CNBB, 2007, p. 15). Nesse aspecto, é possível identificar princípios do período moderno bastante centralizados na vida juvenil, são eles: a razão, a liberdade, a igualdade e a fraternidade (CNBB, 2007).

O mesmo documento, também, oferece uma conceituação de pós-modernidade que não se distancia dos expostos acima. A pós-modernidade não substitui a modernidade, nem a contradiz. Os valores da modernidade continuam sendo importantes para os jovens: a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade, no entanto, elas vêm agregadas a um processo transformador de rapidez própria da era pós-moderna, são “mudanças no cenário, grande velocidade e volume da informação, rapidez

na mudança do cotidiano por parte da tecnologia, novos códigos e comportamentos. Devido à globalização e ao poder de comunicação dos meios eletrônicos [...]” (CNBB, 2007, p. 16).

A subjetividade é um movimento complexo, que precisa de estudos aprofundados a esse respeito. Quanto mais se conhece, mais é possível tratar de forma adequada este fenômeno que atinge sobretudo a juventude, gerando “a permissividade, o egoísmo, a identificação simples da felicidade com o prazer, a incompetência para lidar com a pluralidade de solicitações e ofertas, entre outras” (CNBB, 2007, p. 18).

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÃO: O DOCUMENTO 85 DA CNBB**

O documento “Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais” constitui um possível norte para o trabalho com a juventude ao oferecer elementos para a compreensão da realidade juvenil contemporânea, ao mesmo tempo em que oferece meios para que esta parcela da população possa ser evangelizada, levada em conta em seus anseios. Vale a pena lembrar que o documento foi escrito em 2007, sendo possível que elementos descritos não possuam total relação com o tempo no qual o mesmo foi analisado para a construção deste trabalho.

O documento sustenta-se no método “Ver, julgar e agir”, sendo possível percebê-lo na divisão das partes a serem abordadas: 1. Elementos para o conhecimento da realidade dos jovens; 2. Um olhar de fé a partir da Palavra de Deus e do Magistério; 3. Linhas de ação.

A intenção é de que “ele [o documento] pretende [...] oferecer propostas evangelizadoras às realidades locais de modo provocador, na busca de novos caminhos, num diálogo franco e construtivo com a cultura pós-moderna” (CNBB, 2007, p. 14).

### **2.1 A necessidade de evangelizar a juventude**

Ao tratar sobre os eventos culturais e sociais que atingiram diretamente a juventude, o documento destaca alguns elementos da modernidade que adentraram a forma como a juventude vê o mundo: a modernidade possibilitou uma nova visão de mundo, ao mesmo tempo em que exigiu uma nova atitude do homem e da mulher face à vida, destacando a razão, a liberdade, a igualdade e a fraternidade, como elementos necessários para a vida em sociedade. O documento destaca uma certa resistência da Igreja a essa possibilidade de mudança – o que é natural em qualquer processo novo que exige aderência de novos paradigmas – o que possibilitou o “distanciamento da juventude bem como de sua linguagem” (CNBB, 2007, p. 16). O primeiro passo dado pela Igreja para dialogar com a sociedade moderna ocorre quando o papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, possibilitando assim, um processo de *aggiornamento* dentro da Igreja em sua ação pastoral.

A Igreja na América Latina encara a evangelização da juventude como prioridade, e no Brasil, propõe uma série de linhas de ação para a concretização desta prioridade, levando em conta os processos histórico-culturais, bem como a diversidade de realidades na qual a juventude está imersa. Vale ressaltar que a evangelização da juventude não é uma prioridade isolada na Igreja no Brasil. A Conferência de Puebla entende que há, na juventude, uma força capaz de renovação, e isso é elemento comum à própria Igreja. Mas há duas posturas da juventude perante esta instituição: de profunda admiração e amor

pela Igreja enquanto sacramento de Cristo, e de questionamento de suas posturas, o que leva a refletir sobre sua autenticidade. Esta pode ser também o espaço em que os jovens encontram caminhos de liberdade, sobretudo em estruturas sociais que não são capazes de possibilitar tais coisas. A Conferência de Puebla coloca a evangelização da juventude como opção pastoral preferencial, por identificar na “juventude da América latina um verdadeiro potencial e o futuro de sua evangelização” (PUEBLA, 1979, p. 284).

Segundo Puebla (1979, p. 283), o critério de atenção pastoral a este grupo perpassa pelo anúncio de três critérios de verdade apresentados anteriormente por São João Paulo II: a verdade sobre Jesus Cristo, a verdade sobre a missão da Igreja e a verdade sobre o homem. Essas verdades agrupadas tal como estão demonstradas em uma sequência lógica que segue no sentido oposto ao que é oferecido ao ser humano pós-moderno. É, a partir da verdade de Cristo, que todas as outras verdades “acontecem” ou ganham forma e sustentação. A partir de Cristo, a Igreja tem uma finalidade e é em Cristo que o ser humano é livre.

As verdades da fé não partem do ser humano como sujeito, nem mesmo alicerçam-se nele. Uma religião que baseia-se em sensações alienantes e raciocínio cego transforma o ser humano em deus, adora-se a si mesmo, e nem mesmo Deus tem espaço. Eis a lógica do pecado original que a pós-modernidade insiste em querer repetir. O movimento fundante da relação Deus-homem tem seu início sempre em Deus. É Deus que vem ao homem, e é somente em Deus que somos capazes de compreender a grandeza antropológica da qual somos constituídos.

Sendo Deus aquele que oferece a verdade ao homem, a Igreja é aquela cuja missão é reproduzir os frutos daquilo que constitui o próprio Deus. A Igreja deve ser sentida como sinal de unidade, comunhão e participação. Ela deve ser espelho – ainda que embaçado e sem nitidez – da Comunidade perfeita, a saber: a Santíssima Trindade. É na Igreja que se vive desde o mundo novo alicerçado nos princípios evangélicos. É o lugar por excelência que se assumem as atitudes de Cristo. E assumindo as atitudes de Cristo, é capaz de oferecer novos e diferentes caminhos. Eis a Igreja de Cristo.

Diante da verdade sobre Cristo e sobre a Igreja, o ser humano é chamado a conhecer a verdade sobre si mesmo. O ser humano é dotado de liberdade e tal capacidade faz com que torne-se mais complicada uma definição clara a seu respeito. Mas, tentemos caminhar a partir desta linha de raciocínio:

Aristóteles já nos oferecia uma compreensão de que tudo que existe possui em si um fim – ou seja – um “thélos”: aquilo para o qual tal ser foi feito. E esta finalidade determinaria, portanto, a essência de tal realidade existente.

Pois bem, observemos à nossa volta: a árvore é árvore porque dá seus frutos, produz oxigênio, sombra; o gato é gato porque possui atitudes baseadas em seus instintos, é um ser determinado, quando se nasce, já é possível dizer o que ele vai ser. Mas, e o ser humano? Quando nasce uma criança, podemos dizer com precisão e sem erros exatamente o que ela será? Existem realidades em que seres humanos foram criados junto a outros animais e assim agiam. Afinal: o que é o ser humano para ser digno de tanta atenção no mundo da ciência, do direito, da ética, da teologia?

Deve haver um valor inerente e inalienável a este ser. Que não é “distribuído” por nenhum outro ser de igual espécie, mas inserido em nós. A este valor, Puebla denomina-o de “dignidade” (1979, p. 284). A dignidade humana é o elemento a ser defendido por todo aquele que assume as atitudes de Cristo. Sendo assim, conhecendo a verdade sobre

Cristo, sobre a Igreja, o ser humano conhece a verdade sobre si mesmo: ele é digno. Há nele a dignidade de um Deus. Ora, conta-nos o relato da criação que Deus faz o homem a sua “imagem e como nossa semelhança” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, Gn. 1,26). De onde viria, portanto, tamanho cuidado de Deus com esta criatura se esta não fosse sua essência? O salmista ajuda-nos a meditar melhor esta compreensão antropológica e, ao mesmo tempo, grandiosa a respeito do homem: “que é o homem para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, Sl. 8, 5-6).

A essência humana encontra-se em sua dignidade. Aqui, Aristóteles parece não ser capaz de chegar. A dignidade não é uma questão de finalidade. É muito mais uma questão valorativa. E a partir dessa interpretação, compreendemos a missão da Igreja, que é portanto, missão de todo ser que a ela está ligado, de defender a dignidade da pessoa humana. E tudo isso no campo das ações concretas. É o que o documento chama de “opção preferencial” (PUEBLA, 1979, p. 284).

Ao assumir este papel de valoração e zelo pela dignidade da pessoa humana, o peso – tanto de consciência quanto moral – é diferente quando comparamos um cristão e um ateu. A nós é exigido mais porque na mesma proporção recebemos. Estamos vinculados não mais a uma ideia de bondade, verdade e justiça. Tudo isso tornou-se carne e aconteceu verdadeiramente entre nós (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, Jo. 1, 14). Nosso vínculo é com uma pessoa: Jesus Cristo. Que nos mostrou meios de viver diferentes, alicerçados em princípios que valem a vida.

## 2.2 Linhas de ação do Documento 85

As linhas de ação oferecidas pelo documento são respostas às análises da realidade e do perfil da geração atual de jovens. E a partir disso, pretende-se possibilitar um encontro pessoal com Jesus Cristo por meio de um itinerário que motiva ao amadurecimento na sua relação com Cristo, com a Igreja e com a sociedade.

As linhas de ação são as seguintes:

*1ª linha de ação: Formação integral do discípulo* – O documento prevê que “o conceito de formação integral é importante para considerar o jovem como um todo, evitando assim, reducionismos que distorçam a proposta de educação na fé, reduzindo-a a uma proposta psicologizante, espiritualista ou politizante” (CNBB, 2007, p. 64). O primeiro passo do itinerário exige, portanto, uma compreensão do sujeito como discípulo de Jesus Cristo, mas um discípulo que possui suas particularidades, e que é, por conseguinte, chamado a se conhecer.

Este conhecimento de si pode ser regido pelas cinco dimensões: são elas “psicoafetiva, psicossocial, mística, sócio-político-ecológica e capacitação” (CNBB, 2007, p. 65). Tais dimensões, quando integradas, tornam-se formas de relação que o jovem tem com um aspecto da vida, possibilitando que ele responda perguntas que todo ser humano faz consciente ou inconscientemente (CNBB, 2007).

As pistas de ação presentes nesta primeira linha envolvem intensa avaliação pastoral, conscientização vocacional, contato com as escolas para assegurar que o processo pedagógico ocorra de maneira integral, com envolvimento das famílias e elaboração de subsídios que favoreçam o amadurecimento da juventude (CNBB, 2007, p. 71).

*2ª linha de ação: Espiritualidade* – A espiritualidade sustenta-se na compreensão

antropológica da vocação. O ser humano é chamado à santidade (CNBB, 2007, p. 73). A espiritualidade é, portanto, “o motor central e a busca para orientar a vida de acordo com a vontade de Deus” (CNBB, 2007, p. 73). Dessa forma, o discipulado implica uma espiritualidade que desce para as mãos e para os pés, e que é comprometida “segundo a opção pelos pobres e o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e solidária” (CNBB, 2007, p. 73).

A mística que o documento propõe é cristocêntrica:

Centra-se em Jesus Cristo e no seu projeto de vida [...]. Marcada pela experiência comunitária onde se medita a Palavra de Deus e se celebra a Eucaristia; apoiada no modelo do ‘sim’ de Maria e na certeza de sua presença materna e auxiliadora; conduzida pelo compromisso com o Reino, traduzida no compromisso com a transformação social a partir da sensibilidade diante do sofrimento do próximo (CNBB, 2007, p. 73).

O exercício da espiritualidade pode ser trabalhado por alguns meios propostos, são eles: a oração pessoal, que fortalece a relação com Deus como algo mais “à vontade”; oração comunitária, identidade da espiritualidade cristã, que acontece nas celebrações comunitárias, Missa dominical; a participação na comunidade; a Leitura Orante da Bíblia; a vivência dos sacramentos; a devoção à Virgem Maria; os diversos encontros espirituais e as leituras e reflexões.

*3ª linha de ação: Pedagogia de formação* – O documento alerta para a necessidade de uma formação integral “que conquiste e envolva os jovens num itinerário que os leve ao amadurecimento na fé” (CNBB, 2007, p. 82). Por Pedagogia, entende-se “um conjunto de métodos usados que envolvem a maneira de ser, de viver e de comunicar-se dos agentes de evangelização” (CNBB, 2007, p. 82). Este modo de evangelização se dá pela compreensão de juventude que o documento expõe: “Trata-se de uma geração formada pela imagem, acostumada com estímulos constantes para manter sua atenção, para quem o ‘sentir’ é mais importante do que o ‘pensar’” (CNBB, 2007, p. 82).

A Igreja, em sua sabedoria, é capaz de oferecer métodos e uma diversidade de ações pastorais que atinjam a realidade da juventude. Um deles é o método “Ver-Julgar-Agir-Celebrar”. Tendo como campo a ser cultivado a própria vida da juventude e nada mais. Aqui, há a necessidade expressa de unir “o racional e o simbólico, a afetividade, o corpo e o universo” (CNBB, 2007, p. 84). Na prática, exige-se encontros mais acolhedores, fraternos, que tenham a música como instrumento a ser trabalhado, dinâmicas, símbolos, gestos. Para muitos, a experiência com Jesus passa por uma questão afetiva ou sensorial, por um sentir-se tocado.

Exige-se, também, uma pedagogia diferente com grandes grupos e com pequenos grupos: O pequeno grupo “como instrumento de evangelização, foi um dos instrumentos pedagógicos usados por Jesus ao convocar e formar seu grupo de doze apóstolos” (CNBB, 2007, p. 85). Já os eventos de massa, ou grandes grupos, ocupam função importante no processo de evangelização. Oferecem visibilidade, aguçam a criatividade e injetam ânimo e entusiasmo aos que participam. Porém, há de se ter o cuidado para que a ação pastoral não se reduza a eventos que esgotam os recursos financeiros e humanos da pastoral, sem falar que correm o risco de estarem desligados de uma ação pastoral e que, portanto, podem ser eventos estéreis quanto à sua qualidade.

As pistas de ação que o documento propõe, englobam a promoção de uma pedagogia

que favoreça o crescimento afetivo, momentos de avaliação pedagógica, capacitação de assessores, promoção de cursos na área de Pedagogia da formação, incentivo do hábito da leitura, valorização de diferentes expressões culturais, avaliação dos passos dados por cada grupo, sistematização de uma pastoral de adolescentes, organização de eventos de massa, envolvimento dos jovens nas atividades da comunidade e experiências de voluntariado.

*4ª linha de ação: Discípulos e discípulas para a missão* – A evangelização da juventude deve levar em conta que os destinatários deste trabalho são o conjunto da população jovem. O que não se restringe, apenas, aos que já foram atingidos pela ação da Igreja. Este não é mais uma atividade para passar o tempo de quem já está na Igreja. A esses que já estão na Igreja, devem ser estimulados quanto ao espírito missionário, a fim de que outros jovens possam ser atingidos e estimulados ao encontro com Jesus Cristo e seu projeto de vida (CNBB, 2007). O processo de amadurecimento da ação missionária nasce a partir do encantamento do jovem com a pessoa de Jesus e, o contato com a Boa Notícia, o leva a querer compartilhar dela com outros jovens.

As pistas de ação propostas são o amadurecimento do projeto “Missão Jovem”, motivar os jovens a um espírito missionário no ambiente em que se encontram e nos quais os desafios são maiores, trabalhar com as diversas faces da juventude: estudantes, ribeirinhos, universitários, quilombolas, negros, indígenas, agricultores, empobrecidos, dependentes químicos entre outros seguimentos juvenis, motivar o convite a outros jovens, despertar a consciência de cidadania e compromisso com a transformação social a partir da opção preferencial pelos pobres (CNBB, 2007, p. 95).

*5ª linha de ação: Estruturas de acompanhamento* – Acompanhar as expressões juvenis exige um fortalecimento das estruturas que possibilitam esse processo. Diante disso, o documento apresenta dois desafios: Fortalecer essas estruturas e articular de forma mais ampla todas as forças que trabalham com jovens. A primeira pergunta que devemos fazer é: quais são essas estruturas? São as formas de ação que a Igreja dispõe para atingir, formar e evangelizar este público em especial. Tais estruturas devem ser munidas de um espírito organizacional, este “garante a eficácia dos projetos de formação” (CNBB, 2007, p. 97). A ausência deste fator cria um ambiente de visão limitada, individual, e que fecha-se à riqueza do intercâmbio de experiências e apoio dos demais agentes da comunidade eclesial. Cai-se no mesmo erro no qual quer-se evitar.

O fortalecimento dessas estruturas possibilita ao jovem experiências de protagonismo, desenvolve habilidades de liderança, escuta, superação das dificuldades pessoais como timidez, organização de pensamentos, gera capacidade de comunicação (CNBB, 2007, p. 98).

*6ª linha de ação: Ministério da assessoria* – Consiste em um grupo orgânico de pessoas que, capacitadas, maduras e chamadas por Deus, possam acompanhar os processos de educação na fé dos jovens. Tais pessoas são chamadas a realizar o que anteriormente chamou-se de “intercâmbio de experiências”. Nesse sentido, há uma questão estritamente vocacional quanto ao serviço dos assessores. Este se mostra uma necessidade urgente para que os grupos deem passos de qualidade. Nesse sentido, o perfil adequado é essencial. E por tratar-se de um ministério, é relevante considerar a questão vocacional para tal serviço. A exigência vocacional perpassa por um preparo pedagógico, pastoral e teológico, planejamento, clareza de metas, estratégias para alcançar essas metas e uma paixão pela causa do jovem (CNBB, 2007, p. 106).

*7ª linha de ação: Diálogo fé e razão* – Um aspecto que pode destacar-se como latente

na pós-modernidade também é o acesso às ciências. Tal processo foi incentivado no período moderno e ganha força nos tempos atuais. Oferece instrumentais, respostas, lógica, compromisso de transformação social e, tudo isso, de certa forma, atrai o jovem que, ao mergulhar com certa persistência no mundo científico, pode tanto deparar-se com situações de conflito com a fé, quanto encontrar meios para dar razão ao que crê. Nesse campo é necessário uma ação pastoral que ofereça acesso a uma fé que seja carregada de razão, cultura, intelecto e sobretudo autenticidade, pois,

[...] a fé, privada da razão, põe em maior evidência o sentimento e a experiência, correndo o risco de deixar de ser uma proposta universal. É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave risco de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do ser (JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, 48). [...]

Os valores da modernidade inculcados tão fortemente neste ambiente, acabam por conquistar os jovens universitários. Discursos como: democracia, diálogo, felicidade, transparência e direitos são elementos que respondem, de certa forma, a uma necessidade própria que a juventude tem de transformar de maneira rápida, lógica e coerente as realidades menos favoráveis. A presença dos argumentos intelectuais deve estar carregada de vida cristã. Tal imagem é a proposta de viver a Igreja na sociedade.

*8ª linha de ação: Direito à vida* – O discurso apresentado pela Conferência nesse aspecto é relativo à vida com dignidade: acesso a políticas públicas, direitos como trabalho, renda, cultura e lazer, assistência social, saúde. Nesse sentido, as diretrizes apontam para “iniciativas que favoreçam a educação dos jovens para uma vivência madura” (CNBB, 2007, p. 113). Também permite a compreensão de vida enquanto formação humana, seja no âmbito da sexualidade, discernimento ante à vícios como bebida e consumo de drogas, vida sócio-familiar entre outros aspectos relacionados à bioética.

O mesmo entende que políticas públicas são os mecanismos com os quais o acesso aos direitos pode ser alcançado com mais universalidade, bem como um conhecimento mais aprofundado da Doutrina Social da Igreja. O mesmo sugere que o surgimento de espaços que ofereçam a discussão dessas questões, bem como o aprofundamento no conhecimento da Doutrina Social da igreja, podem ser meios que estimulem uma consciência de direito à vida.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decerto que o Documento 85 da CNBB foi publicado com 12 anos de diferença deste texto que o leitor possui em mãos. É verdade, também, que muitas das realidades enfrentadas pela sociedade pós-moderna e abordadas neste documento, não sofreram tantas mudanças ao longo desses 12 anos, pelo contrário, houve como que uma reafirmação da necessidade de uma identidade. Este texto é redigido na cidade de Manaus – AM, no ano de 2019, com altos índices de suicídio, principalmente entre a juventude, altos índices de violência, criminalidade, gravidez na adolescência, colocando-se em xeque valores morais inquestionáveis há tempos, como aborto, conceito de família,

gênero, necessidade de religião.

Por trás de todas essas questões pode-se observar de fato uma ausência de autoconhecimento, afinal: “[...] que é, ó Senhor, o ser humano?” (Salmo 8). Para responder a essa pergunta, optou-se por deter-se em uma resposta a partir da religião, a destacar, o Catolicismo, que diz que o ser humano identifica-se como tal no caminho que percorre rumo a Jesus Cristo, ou seja, o ser humano é mais humano tanto mais discípulo se torna. A resposta para a pergunta acima encontra-se no mesmo Salmo supracitado: “pouco abaixo que os anjos o fizeste, coroado de glória e esplendor. De Ti recebeu poder e força, pra tudo vencer e ser senhor” (Salmo 8).

Ao destacar tais afirmações acima, pode-se concluir que o caminho para uma integralidade da identidade humana perpassa por um reconhecimento de sua própria dignidade, e esta pode ser compreendida na dinâmica religiosa: o ser humano vale o sangue de um Deus. A partir disso, é possível traçar caminhos para uma compreensão da importância da identidade humana, de sua valorização, e de sua relação mesmo com o processo juvenil de crescimento na fé. Se por um lado a pós-modernidade atua quase que como uma bomba a colocar em xeque todas as certezas, oferecendo o nada em seu lugar, a religião aponta Cristo como necessidade e seu segmento como certeza identitária: “o discípulo torna-se mais humano quanto mais discípulo ele for”.

## 4 REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. I. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2007.

---

\_\_\_\_\_. **Missal Dominical: missal da assembleia cristã**. I. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. II. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

JOÃO PAULO II. **Fides et ratio**: aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão. São Paulo, Paulinas, 1998.

MERCER, K. **Welcome to the jungle**. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. II. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

PEREIRA, Elias Sarmiento. **A hipermodernidade em Gilles Lipovetsky e a ética do pós-dever**. 2017. 44p. Monografia (Licenciatura em Filosofia), Faculdade Salesiana Dom Bosco, Manaus, Manaus–Amazonas. 2017.

PUEBLA, Igreja Católica. **Evangelização no presente e no Futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. São Paulo: Paulinas, 1979.



# NORMAS DE PUBLICAÇÕES





# NORMAS DE PUBLICAÇÕES

---

ETHOS & EPISTEME (Revista de Ciências Humanas e Sociais da Faculdade Salesiana Dom Bosco/FSDB ISSN n. 1809-0400) aceita trabalhos inéditos sobre assuntos atuais e relevantes para a discussão de questões relacionadas às Ciências Humanas e Sociais (Administração, Antropologia, Ciências Sociais Aplicadas, Filosofia, Pedagogia, Serviço Social).

## NORMAS PARA ENVIO DE MATERIAL PARA AS SEÇÕES DA REVISTA ETHOS & EPISTEME:

ETHOS & EPISTEME recebe textos para publicações em três modalidades : Artigos, resenhas e resumos (Tendências, relatos de experiências, reflexões pedagógicas ) cada uma com sua especificidade.

### 1) Artigos

A apresentação de artigos, com, no máximo 15 laudas, deverá obedecer a seguinte sequência (não devendo ser inferior a 12 laudas):

- Título do artigo (o título será em letra maiúscula, centralizado e negrito, tamanho 14. Abaixo, um espaço de linha, centralizado, tamanho 12, com fonte Times New Roman, o nome completo do(s) autor(es) identificados por exponencial numérica. Os trabalhos deverão conter no máximo quatro autores);
- Na próxima linha em espaço, justificado deverá conter nome(s) completo(s) do(s) autor(es), suas credenciais e local de atividade, instituição do(s) autor(es) segundo a numeração exponencial numérica, separados por ponto e vírgula (caso tenha mais de um autor), incluindo o endereço, telefone, e-mail, fax (do trabalho e residencial) também tamanho 10;
- Na página seguinte resumo indicativo em português, inglês ou espanhol, com 200 a 250 e espaço interlinear simples;
- De três a cinco palavras-chave em português, inglês ou espanhol, conforme o resumo escolhido, pelo autor do trabalho, para a língua estrangeira a ser traduzida para o resumo;
- O texto será justificado, tamanho 12, espaçamento 1,5, com exceção dos subtítulos da estrutura textual, em maiúsculo e negrito. O parágrafo é um espaço simples com recuo de 1 cm;
- Quando ocorrer à necessidade da inserção de ilustrações (tabelas, quadros, imagens-fotos, desenhos, esquemas), os mesmos devem ser citados no final do texto desenvolvido pelo autor do trabalho. Exemplo: As abelhas são importantes insetos presentes na Amazônia [...] sendo representantes da biodiversidade brasileira. (Foto 4).
- Referências em ordem alfabética, conforme ABNT 6023 (2002).

### Exemplos:

#### a) Livros:

HEEMANN, Ademar. **Natureza e ética**: dilemas e perspectivas educacionais. Curitiba: UFPR, 1993.

**b) Capítulo de livro:**

RUSSOMANO JR, Victor. Direitos e deveres do empregado e do empregador. In: MAGANO, Otávio Bueno (Coord.). **Curso de direito do trabalho**. São Paulo: Saraiva, 1985, p. 235-291.

**c) Artigos de periódicos:**

GODIM, Maria Augusta Drumond Ramos. Teorias de aprendizagem: uma iniciação ao estudo, **Educação e Compromisso**, Terezina, v. I, n. 1-2, p. 23-25, jan./dez. 1989.

**d) Tese/dissertação/TCC:**

LAKATOS, Eva Maria. **O trabalho temporário: nova forma de relações sociais**. São Paulo, 1979, 2 v. Tese (Livre-docência em Sociologia). Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

FERNANDEZ, Setúbal Onório. **Inclinações da atividade fabril no oeste de Manacapuru**. Benjamin Constant, 2014, 94 p. Mestrado (Dissertação apresentada no Curso Ciências Ambientais da Faculdade de Biodiversidade, Bioprospecção e Indústria, UFAM – Campus Benjamin Constant, para obtenção do título de Assistente Social). Campus Benjamin Constant, Universidade Federal do Amazonas. **(Exemplo fictício)**.

**e) Artigo de jornal:**

FROTA-PESSOA, Osvaldo. **Sociologia: o fator genético**. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 de mar. Caderno 5, p. 27.

**f) Em meio eletrônico:**

ALVES, Rogério Marques de Oliveira; CARVALHO, Carlos Alfredo Lopes de; SOUZA, Bruno Almeida. 2003. **Arquitetura do ninho e aspectos bioecológicos de *Trigona fulviventris fulviventris* Guerin**, 1853 (Hymenoptera: Apidae). Comunicação científica, *Magistra*, Cruz das Almas, Bahia, v. 15, n. 1, especial. Disponível em: <[http://www.magistra.ufrb.edu.br/publica/magist15\\_1\\_ento/03-15\\_1\\_ent-06c.html](http://www.magistra.ufrb.edu.br/publica/magist15_1_ento/03-15_1_ent-06c.html)>. Acesso em: 17 nov. 2004.

CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA da UFPE, 4 ed., 1996. Recife. **Anais eletrônicos**, Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <<http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais.htm>>. Acesso em: 21 jan. 1999.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa 11, de 20 de outubro de 2000. Regulamento técnico de identidade e qualidade do mel. Disponível na internet: <[http://extranet.agricultura.gov.br/sislegis-consulta/ser/et/visualizar\\_anexo?ld=1690](http://extranet.agricultura.gov.br/sislegis-consulta/ser/et/visualizar_anexo?ld=1690)>. Acesso em: 16 jun. 2000.

**Anexos ao texto:**

Recomendamos evitar os anexos e propô-los, somente quando estritamente necessários à compreensão dos textos apresentados.

**Notas:**

Pede-se que as notas não ultrapassem a média de 3,5 linhas por página, onde sua numeração obedeça, rigorosamente, as indicações do texto e que sejam digitadas ao pé

da página, pelo recurso de inserir notas do word.As ilustrações, quando existirem, devem ser produzidas, obedecendo as seguintes orientações:

- a) **MATERIAIS GRÁFICOS:** Fotografias nítidas e gráficos (estritamente dispensáveis a compreensão do texto) poderão ser aceitos e deverão ser assinalados, no texto, os locais onde devem ser intercalados pelo seu número de ordem. Caso as ilustrações tenham sido publicadas, mencionar a fonte e a permissão para publicação, tamanho 11, em negrito;
- b) **QUADROS:** Os quadros deverão ser acompanhados de cabeçalho (na parte inferior do quadro) que permita compreender o significado dos dados reunidos, sem a necessidade de referência ao texto Os mesmos devem ser citados, com numeração específica, no local que devem ser inseridos, ao final das correções do artigo, tamanho 11, em negrito.
- c) **Tabelas:** As tabelas, assim como os quadros, deverão vir acompanhadas de cabeçalho (na parte superior da tabela), tamanho 11, em negrito.

### **Citação de autores:**

Conforme NBR 10520 de julho de 2001. Devem ser feitas no corpo do texto (autor-data).As entradas pelo sobrenome do autor/vírgula/data ou autor/vírgula/data/vírgula/página podendo ser na forma direta ou indireta, por exemplo:

Silveira (1999, p. 20) descreve: “ o estudo das [...] ciências” ou “Artigos são os trabalhos aprovados[...] revista” (FRANÇA, 2000, p. 51).

As citações diretas no texto de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas (“”).As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

As citações diretas, com mais de três linhas, devem ter um recuo de 4 cm de margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas.

Exemplo:

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos comuns de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão. (NICHOLS, 1993, p. 181).

Devem ser indicadas as supressões, interpolações, comentários, ênfase ou destaques, do seguinte modo:

- a) supressões: [...]
- b) interpolações, acréscimos ou comentários: [ ]
- c) ênfase ou destaque: grifo ou negrito ou itálico.

## **2) Tendências**

Serão aceitos textos sobre temas inovadores com o objetivo de promover discussões interdisciplinares. Os originais deverão ter, no máximo, 3 laudas.

### 3) **Relato de Experiências**

Curtos relatos de experiências vivenciadas por pessoas em situações de convivência em instituições educativas. Os originais deverão ter, no mínimo, 3 laudas.

### 4) **Reflexão Pedagógica**

Textos originados de trabalhos desenvolvidos por acadêmicos de cursos de Filosofia, Normal Superior, Pedagogia, Serviço Social, Sociologia, etc, nas diversas disciplinas (monografias, relatórios de estágio, ensaios). Os originais deverão ter, no mínimo, 3 laudas.

### 5) **Resenhas**

- Serão aceitos resenhas críticas de livros, com informação completa da fonte resenhada;
- Os originais deverão ter, no máximo, 12 laudas;
- ETHOS & EPISTEME está aberta para colaborações, mas reserva-se o direito de publicar ou não o material espontaneamente enviado à redação. Os artigos assinados são da responsabilidade de seus autores;
- O parecer sobre a aceitação ou não dos originais será comunicado ao autor ou ao primeiro, quando forem mais de um, não se obrigando a ETHOS & EPISTEME a devolver os originais a ela enviados;
- Todo o trabalho aceito será submetido a uma revisão, caso o texto exija modificações substanciais, será devolvido ao autor para que ele mesmo as faça.

ETHOS & EPISTEME disponibilizará os artigos publicados no site da FSDB ([www.fsdb.edu.br/revistaethos&episteme](http://www.fsdb.edu.br/revistaethos&episteme)).

Dr. Klilton Barbosa da Costa  
*Editor-Chefe da Revista Ethos & Episteme*



FACULDADE SALESIANA  
DOM BOSCO  
MANAUS-AM

A correspondência e o material para publicação deverão ser encaminhados à:

**REVISTA ETHOS & EPISTEME**

Endereço – Faculdade Salesiana Dom Bosco  
Rua Epaminondas, 57 – Centro – CEP: 69.010-090  
Manaus – AM

Telefones: (92) 2125-4690 / Fax: (92) 2125-4647

E-mail: [kliltonb@gmail.com](mailto:kliltonb@gmail.com)



**A** revista Ethos e Episteme abre novas possibilidades alternativas e inovadoras do registro científico e acadêmico do processo de produção do conhecimento em Ciências Humanas e Sociais.

O horizonte hermenêutico que ela propõe possibilita um distanciamento tal que lhe permite ousar na reflexão que pode ser estabelecida entre Ética e Conhecimento.

Sendo o Ethos uma ação e atitude de compromisso responsável para com o ser do outro, é orientador do sentido que deve ter o conhecimento produzido pela ciência. Isto quer dizer que o conhecer só faz sentido na direção de tornar a humanidade melhor.

Ethos e Episteme assume esse compromisso de permitir que o conhecimento seja disseminado e que a Ética possa ser balizadora dos saberes que devem ser construídos e divulgados a partir do compromisso com o BEM COMUM.

A Revista colocá-se à disposição de todos e todas que, produzindo conhecimento, possam divulgá-lo porque nos torna a todos melhores cidadãos e seres humanos mais comprometidos e completos.



REDE SALESIANA  
BRASIL  
FACULDADE SALESIANA  
DOM BOSCO  
MANAUS-AM

